

“Papai Noel vai para o spa”

CORREIO BRAZILIENSE —

O que o sr. achou do aumento dos juros?

RAUL VELLOSO — As pessoas estão com a impressão de que algo explodiu agora. Não é verdade. O maior problema já aconteceu. Começou lá atrás, em maio: a dívida pública que era de 55% do PIB deve fechar setembro em 63%. Oito pontos percentuais de aumento em apenas quatro meses. E o que o governo fez? Além de dar muitas desculpas, elevou o superávit primário (que é a diferença entre o que o governo arrecada e o que gasta, sem contar com os juros da dívida pública) de 3,5% para 3,75%. Até então, o dólar valia R\$ 2,52. Imagine!

CORREIO — O que aconteceu?

VELLOSO — Começou a deterioração da economia em virtude do risco eleitoral, o câmbio disparou e a única reação do governo foi aumentar o superávit primário de 3,75% para 3,88%. Ou seja, a dívida dispara, podendo chegar a 65% do PIB no final do ano, e o governo aumenta 0,12 ponto de percentagem do superávit primário. É catastrófico. Na cabeça dos operadores do mercado a dívida já explodiu.

CORREIO — O que fazer?

VELLOSO — É possível reverter a grave situação da dívida se o novo governo reverter o preço do dólar. Mas a verdade é que ninguém quer mais financiar o setor público. Numa situação dessa, o que vem em seguida é a inflação. É por isso que o Banco Central aumentou os juros. Para combater a inflação iminente. Diante da disparada da dívida, há duas alternativas: 1. O gover-

no aceita isso como um fato consumado e começa a fazer as contas de quanto o superávit primário tem que aumentar. 4%? Se conseguir fazer isso, em seguida pode-se voltar àquele mundo onde a taxa de juros era 15%.

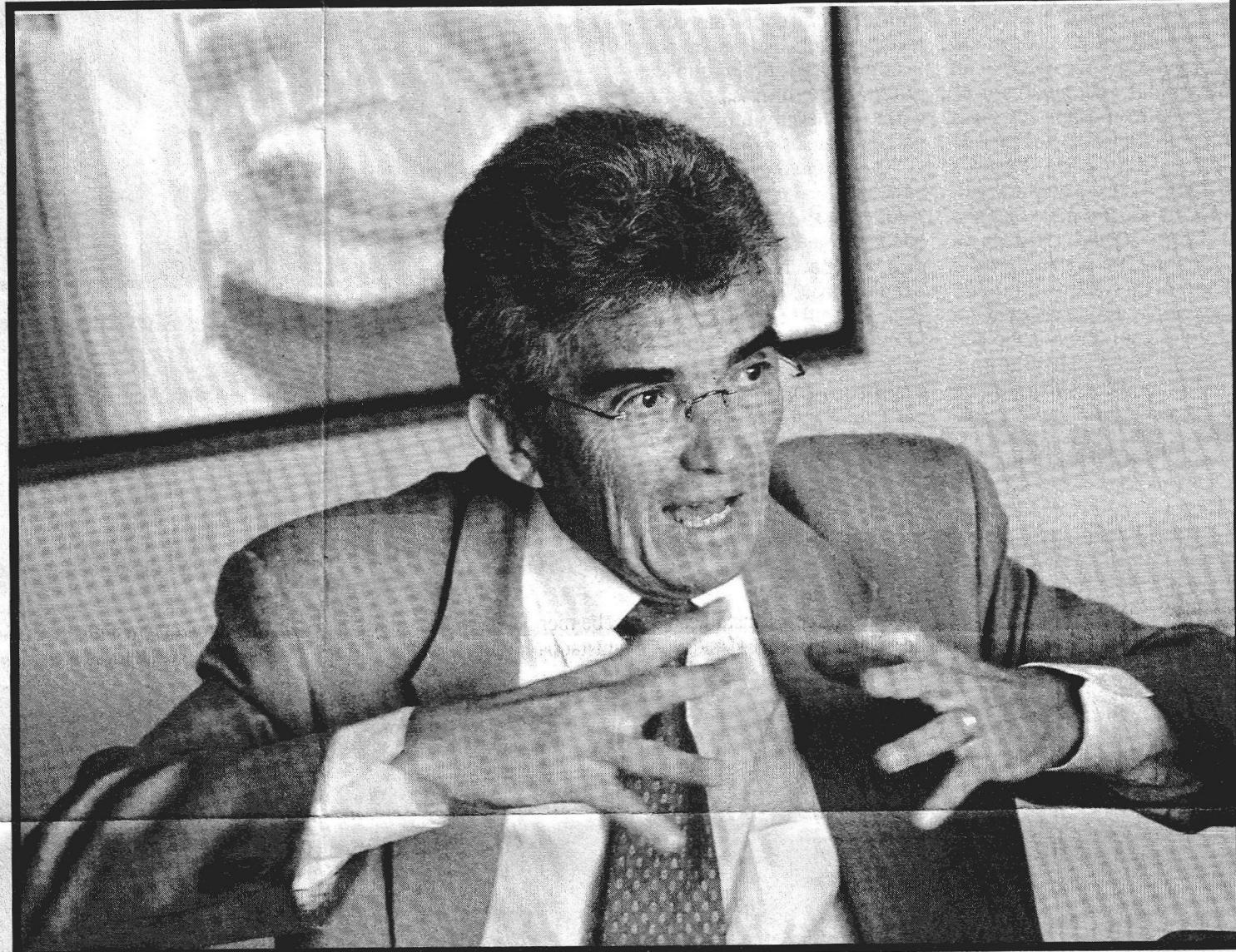
CORREIO — Qual é a segunda hipótese?

VELLOSO — O mercado não aceita a explosão da dívida, o câmbio sobe, a dívida atinge 66% do PIB, por exemplo, e aí não há como evitar a inflação. A poupança, os dólares de brasileiros ou estrangeiros deixam de entrar. A economia se desorganiza. O problema é: não vejo Lula adotando uma política de juros altos, como a atual, porque isso penaliza muito a economia. É como aplicar uma sangria, remédio típico da Idade Média. Tírava-se o sangue das pessoas sob a presunção de aquilo era a parte ruim. Quando ele saia todo, o sujeito estava bom.

CORREIO — Por que o mercado insiste em apostar no caos se Lula se comprometeu com tudo o que os investidores lhe pediram?

VELLOSO — Porque na verdade o mercado nunca se convenceu de que ele fará o que promete.

É verdade que ele prometeu muita coisa, mas aí quiseram que ele mantivesse o Arminio (Fraga, presidente do BC) e ele disse “estão querendo demais”. O problema é que com Lula não será, como pensam alguns, a troca da equipe de formuladores de política econômica da PUC (Pontifícia Universidade Católica, do Rio) pela equipe da USP (Universidade de São Paulo). Será a troca



RAÚL VELLOSO DESTACA QUE É POSSÍVEL REVERTER SITUAÇÃO DA DÍVIDA PÚBLICA SE O NOVO GOVERNO REVERTER A ALTA DO PREÇO DO DÓLAR

da PUC pela Unicamp (Universidade de Campinas).

CORREIO — E qual é o problema?

VELLOSO — É o grupo que disse que o Real não ia dar certo e deu. Perderam. Eles pregam que deve-se fazer o resto primeiro e controlar a dívida depois. O que o Fernando Henrique fez foi tentar controlar a dívida primeiro e ver o resto depois. Muitos eleitores tendem a ver sempre o lado sonhador, de que chegou a vez do Lula. OK. Só que com isso está percebi-

do e internalizado que com o PT será tudo diferente. A gente percebe que os dólares estão saindo do país e deixando de entrar.

CORREIO — Na sua opinião, o que vai acontecer?

VELLOSO — Vai ser muito difícil. O Lula herdará uma situação muito ruim e dirá que é culpa do governo atual enquanto este dirá que é culpa dele. Para resolver, ele dirá: “Sou obrigado a fazer diferente”. Lula não terá meia hora de paz depois de assumir. Assumirá e logo em se-

guida lhe cobrarão: “Como o sr. fará com a dívida? O sr. vai dar calote?” Enquanto ele estiver culpando FHC pela herança, chegará a primeira missão do FMI, porque o fim do atual acordo coincide com a posse do novo governo. O chefe da missão dirá ao novo ministro da Fazenda: “Com uma dívida desse tamanho, o superávit fiscal terá de ser de 5% ou 6%”. Nesse momento, um economista de Lula dirá: “Presidente, isso não dá para fazer”. Aí, o que acontecerá?

CORREIO — Como o aumento dos juros baterá no bolso do consumidor?

VELLOSO — As taxas de juros do crédito direto ao consumidor e para financiamento aumentarão muito. O que estava, por exemplo, a 70% poderá ir para 80%. Se as medidas demoram muito, a economia que tentava se equilibrar, pois está estagnada desde maio, vai cair. Em seguida, o desemprego aumentará e o Natal vai ser magro. Sua manchete será: “Papai Noel vai para o spa.”